

FOTOGRAFIA SUBAQUÁTICA: Imersos na estética onírica de Nyad

Lucas Amim de Abreu Arruda¹

lucas.arruda@acad.espm.br

Resumo

Este estudo investiga a construção da estética presente no filme *NYAD*, dirigido por Jimmy Chin e Elizabeth Chai Vasarhelyi, por meio do uso da fotografia subaquática. A pesquisa examina como essa técnica visual é utilizada para aprofundar a representação psicológica da protagonista Diana Nyad e revelar seus conflitos internos ao longo de sua jornada para atravessar o Estreito da Flórida. A hipótese central é que a fotografia subaquática enriquece a narrativa, traduz visualmente o estado subjetivo da personagem, explorando memórias e delírios que refletem sua fragilidade mental diante dos desafios. A metodologia adotada nesta pesquisa é a análise fílmica, uma abordagem que permite observar e interpretar minuciosamente elementos visuais e narrativos.

Palavras-chave: *cinema; direção de fotografia; fotografia subaquática; estética; onirismo.*

165

Abstract

This study investigates the construction of the aesthetics present in the film *NYAD*, directed by Jimmy Chin and Elizabeth Chai Vasarhelyi, through the use of underwater photography. The research examines how this visual technique is used to deepen the psychological representation of the protagonist, Diana Nyad, and reveal her internal conflicts throughout her journey to cross the Florida Straits. The central hypothesis is that underwater photography enriches the narrative, visually translating the subjective state of the character, exploring memories and delusions that reflect her mental fragility in the face of challenges. The methodology adopted in this research is film analysis, an approach that allows for the detailed observation and interpretation of visual and narrative elements.

Keywords: *cinema; cinematography; underwater photography; aesthetics; oneirism.*

1. Introdução

No cinema, a estética e a linguagem visual são fundamentais para a criação de atmosferas que potencializam a narrativa e estabelecem conexões emocionais profundas com o

¹ Trabalho orientado por: Prof. Dr. Antoine D'Artemare (antoine.dartemare@espm.br).

público. Segundo o artigo "*A paisagem visual no cinema: um estudo da linguagem na mise-en-scène*", de Leilane Grubba, elementos como cenário, iluminação, figurino e comportamento das figuras são essenciais para comunicar simbolismos e significados, enriquecendo a experiência cinematográfica. O estudo destaca que "a mise-en-scène organiza os elementos no quadro, orientando a percepção do espectador, codificando mensagens que ampliam o impacto emocional da narrativa" (GRUBBA, 2023, p. 25).

À medida que Nyad, aos 64 anos, se propõe a atravessar o Estreito da Flórida, o filme apresenta uma jornada física, mas uma travessia pela complexidade de sua mente. As memórias e alucinações que emergem durante essa travessia são de suma importância para a compreensão da experiência interna da protagonista. As memórias, enraizadas em vivências passadas, oferecem um vislumbre de sua história pessoal e de suas motivações, enquanto as alucinações representam estados de delírio e confusão, exacerbados pelo extremo esforço e pela solidão opressiva do mar aberto.²

Baseando-se em autores como Alex Mustard, que explora a simbologia e os efeitos sensoriais da fotografia subaquática, e David Doubilet, cujos estudos abordam a composição e a iluminação de ambientes aquáticos, esta pesquisa investiga como a técnica contribui para a construção de significados visuais e sensoriais em *NYAD*. Para embasar teoricamente a análise da imagem cinematográfica, Jacques Aumont afirma, em *A Estética do Filme*, que

Há muito a criticar nesta concepção, que dá vantagens demais à ilusão; mas tem o mérito de indicar por excesso a ideia, sempre presente quando vemos um filme, desse espaço, invisível, mas prolongando o visível, que se chama fora de campo. O fora de campo está, portanto, vinculado essencialmente ao campo, pois só existe em função do último; poderia ser definido como o conjunto de elementos (personagens, cenário, etc.) que, não estando incluídos no campo, são contudo vinculados a ele imaginariamente para o espectador, por um meio qualquer (AUMONT, 1995, p. 24).

² Inspirado na verdadeira história da nadadora americana Diana Nyad, o filme narra um momento importante da carreira da atleta que aos 60 anos, desafiou as probabilidades de se tornar a primeira pessoa a completar uma viagem de 161 km em 53 horas, de Cuba à Flórida em pleno alto mar. Auxiliada por Bonnie Stoll (Jodie Foster) sua melhor amiga e uma equipe de 35 apoiadores dedicados, Nyad (Annette Bening) pretende nadar através de águas-vivas venenosas e águas infestadas de tubarões para completar sua missão, ultrapassando todos os limites e mostrando sua capacidade para os que duvidaram dela.

Com esse enfoque, a pesquisa busca compreender como a imagem subaquática em *Nyad* reforça o caráter visual da narrativa, ampliando sua dimensão simbólica, trazendo um imaginário do espectador sugerindo as complexidades emocionais de Diana Nyad.

A estrutura deste artigo organiza-se em seis partes principais. Na primeira, será explorado o caráter onírico das imagens subaquáticas, destacando como elas evocam transições entre realidade e fantasia e refletem a subjetividade da protagonista. Na segunda parte será analisada a relação entre o caráter onírico das imagens e os traumas vividos por Diana Nyad, investigando como esses elementos contribuem para a construção de sua narrativa emocional. A terceira parte abordará a direção de fotografia e o uso da fotografia subaquática como recurso narrativo, com foco em como essas técnicas ampliam o impacto simbólico e emocional do filme. A quarta parte será dedicada à história da fotografia subaquática, discutindo seu desenvolvimento desde as primeiras tentativas no século XIX até as inovações tecnológicas que transformaram sua aplicação científica e artística no cinema. Na quinta parte, será apresentada a análise fílmica de *Nyad*, detalhando como os elementos de fotografia subaquática são utilizados em cenas específicas para construir a estética onírica e reforçar o estado psicológico da protagonista. Por fim, o artigo apresenta as considerações finais, sintetizando os principais achados da análise, seguidas pela bibliografia utilizada, composta por autores relevantes para o estudo da estética subaquática e da narrativa cinematográfica, incluindo as hipóteses desenvolvidas ao longo da análise fílmica.

O onirismo, presente nas memórias e delírios de Diana Nyad, será um elemento central no desenvolvimento desta análise. Essas imagens subaquáticas, muitas vezes desprovidas de realismo absoluto, evocam uma estética que remete ao sonho e à fantasia, criando uma atmosfera visual de transição entre o tangível e o imaginário. O artigo "*Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência*", de Érica Lemos e Rafael L. Morais, discute como o cinema utiliza elementos estéticos e narrativos para evocar estados oníricos e simbolismos, conectando o espectador a dimensões emocionais profundas. Os autores enfatizam que as imagens em movimento podem oferecer experiências de projeção e identificação com as complexidades da vida humana, promovendo reflexões sobre a subjetividade e a realidade. Simbolismos esses que auxiliam a narrativa, contribuindo como já

falando sobre a imersão do espectador. Imersão que se dá ao caráter onírico que a obra apresenta.

2. O Caráter onírico

O caráter onírico na arte, especialmente no contexto surrealista, emerge como uma das manifestações mais intrigantes do inconsciente humano. Através da exploração de sonhos e do simbolismo dos desejos reprimidos, artistas como Salvador Dalí buscaram revelar as camadas ocultas da psique humana. O filósofo e psicanalista Sigmund Freud, cujas teorias sobre o inconsciente e os sonhos tiveram profunda influência no movimento surrealista, oferece uma chave interpretativa para entendermos o caráter onírico presente na obra de Dalí. A intersecção entre as ideias de Freud e as representações artísticas de Dalí constitui uma relação crucial para o entendimento da arte surrealista.

Freud, em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), formulou uma teoria sobre os sonhos, argumentando que eles são manifestações do inconsciente, onde desejos reprimidos e conflitos internos emergem de maneira disfarçada. Para Freud, os sonhos são a realização de desejos inconscientes, muitas vezes de forma distorcida, devido a mecanismos de defesa como a censura e a condensação de imagens. Essa teoria serve como uma base para o movimento surrealista, que busca explorar e expressar esses desejos reprimidos sem os limites da razão. No caso de *Nyad*, a jornada da protagonista pode ser vista como uma alegoria para a luta interna contra as próprias limitações e medos inconscientes. Os desafios enfrentados por Diana Nyad, incluindo suas memórias traumáticas e a dor física durante o processo de natação, têm um caráter simbólico semelhante aos processos oníricos que Freud descreve, nos quais as barreiras internas precisam ser ultrapassadas para alcançar um estado de revelação ou libertação.

Salvador Dalí foi profundamente influenciado pelas ideias freudianas. Ele considerava os sonhos como uma fonte de inspiração e como um veículo para a descoberta da realidade mais profunda da mente humana. Em sua famosa pintura *A Persistência da Memória* (1931), Dalí apresenta relógios derretendo e distorcidos, uma imagem que, à primeira vista, parece irracional. No entanto, de acordo com Freud, a distorção e a fragmentação dos objetos podem ser vistas como uma representação simbólica dos desejos reprimidos, desconstruídos e

revelados através do sonho. A fluidez dos relógios, que perdem sua rigidez e se deformam, pode ser interpretada como a transição do tempo e da percepção consciente para o reino do inconsciente, onde as leis da lógica e da física são quebradas. No filme *Nyad*, a noção de tempo e espaço também é subvertida, pois a protagonista sente-se fora da realidade física ao enfrentar os imensos desafios mentais e emocionais da natação. Sua luta parece transcender os limites do corpo, e a experiência se assemelha a uma espécie de delírio onírico, onde o impossível parece se tornar possível.

Dalí também recorreu a outras imagens oníricas em sua obra, como os insetos, o vazio do deserto e as figuras humanas distorcidas, que evocam a natureza mutável e inquietante do sonho freudiano. Segundo Freud, as imagens no sonho podem ser vistas como "representações deslocadas", ou seja, os conteúdos inconscientes que não podem ser expressos diretamente surgem de forma simbólica e ambígua. Em *Nyad*, o processo de superação pessoal de Diana pode ser visto como uma forma de "automatismo psicológico", onde as ações e os pensamentos fluem livremente enquanto ela avança na direção de seu objetivo, sem saber completamente como, mas confiando na força de sua psique para chegar ao final de sua jornada.

Dali em suas obras, ele convidava o espectador a entrar em um universo onde as leis da lógica são subvertidas, e onde o inconsciente, em toda a sua complexidade e ambiguidade, é revelado. De maneira similar, *Nyad* também leva o espectador a uma jornada interna de autoconhecimento e superação, onde o mar funciona como uma metáfora para as profundezas do inconsciente, e a protagonista, tal como um pintor surrealista, é forçada a confrontar suas maiores ansiedades e limitações.

Portanto, a relação entre Freud e Salvador Dalí é fundamental para a compreensão do caráter onírico presente na arte surrealista. Enquanto Freud fornece as ferramentas teóricas para interpretar os sonhos como expressões do inconsciente, Dalí utilizava sua arte como uma linguagem visual que buscava dar forma a esses desejos e conflitos reprimidos. Da mesma forma, o filme *Nyad*, ao abordar a luta de uma mulher para superar limites psicológicos e físicos, serve como uma metáfora moderna da jornada surrealista, onde o onírico e o real se entrelaçam, desafiando a razão e revelando o potencial ilimitado da mente humana.

3. O Caráter Onírico e os Traumas de *Nyad*

A representação dos traumas e o caráter onírico na narrativa da travessia de Diana Nyad no filme refletem as lutas internas da personagem, acentuadas por sua jornada física e emocional no mar. As experiências traumáticas que marcaram sua vida, como revelado em sua autobiografia e adaptado no filme, influenciam diretamente a construção visual e narrativa. Essas memórias emergem tanto nos diálogos quanto em alucinações, especialmente durante os momentos mais desafiadores da travessia.

Cinematograficamente, essas sequências de alucinação servem como um meio de explorar os limites psicológicos de *Nyad*. Imagens vívidas de estrelas cadentes e visões surreais, como o Taj Mahal, simbolizam tanto a exaustão extrema quanto a tentativa de escapar da dor física e emocional. Os diretores Jimmy Chin e Elizabeth Chai Vasarhelyi empregaram essas técnicas para transmitir as consequências do trauma passado, mesclando memória e fantasia para criar um espaço narrativo onde o tempo e a realidade são distorcidos. Essas escolhas reforçam a percepção de Nyad como alguém à beira da resistência, tanto física quanto mental, durante sua jornada marítima.

O trauma, como abordado no filme, é um elemento central que molda o comportamento de Nyad. Flashbacks cuidadosamente posicionados e conversas com outros personagens revelam uma história marcada por abusos e dificuldades emocionais, que ela internalizou ao longo da vida. Essa dor alimenta sua determinação, criando barreiras em seus relacionamentos, uma dinâmica que o filme ilustra através das interações dela com sua equipe, especialmente Bonnie Stoll.

Além disso, o uso de efeitos visuais para representar o ambiente hostil do oceano e as condições adversas que Nyad enfrenta intensifica a narrativa. Tempestades e águas agitadas refletem os desafios externos e também os conflitos internos que ela luta para superar. A tensão entre o mundo físico e o psicológico é fundamental para criar a profundidade emocional do filme.

Por fim, a exploração do caráter onírico e dos traumas no filme sublinha a complexidade da jornada de Nyad, não só como um feito atlético, mas como um processo de enfrentamento e superação de cicatrizes emocionais. O uso de imagens simbólicas e distorções visuais

estabelece uma conexão íntima com o público, permitindo uma compreensão mais profunda dos efeitos de traumas duradouros e do esforço humano para superá-los.

4. Fotografia Subaquática

A fotografia desempenha um papel essencial na narrativa audiovisual, oferecendo uma percepção única em cada obra. Por meio dela, é possível explorar diferentes ângulos, composições e iluminações que enriquecem a experiência do espectador. Como forma de arte, a fotografia tem a capacidade de capturar momentos, emoções e realidades de maneira poderosa e impactante. Desde suas origens no século XIX, a fotografia evoluiu de uma técnica puramente mecânica para uma forma de expressão criativa, permitindo que os fotógrafos contem histórias por meio de suas imagens. A chegada da tecnologia digital democratizou essa arte, tornando-a acessível a um público mais amplo. Com um simples smartphone ou uma câmera profissional, qualquer pessoa pode explorar sua visão do mundo e registrar experiências cotidianas.

Ao longo do tempo, a fotografia no cinema também passou por transformações significativas. Novas técnicas e abordagens surgiram, especialmente durante períodos históricos marcantes, como a Segunda Guerra Mundial. O documentário "Five Came Back", disponível na Netflix, ilustra essa evolução, mostrando como os equipamentos fotográficos se tornaram mais compactos e portáteis, permitindo que os cineastas viajem grandes distâncias para capturar a realidade em movimento. Essa adaptação expandiu as possibilidades narrativas, proporcionando uma nova forma de documentar eventos históricos de maneira visualmente impactante.

Neste contexto, a fotografia subaquática emerge como uma especialidade que se desenvolveu ao longo do tempo, permitindo o registro da vida marinha e contribuindo para a ciência. Segundo Alejandro Martínez, as primeiras tentativas de fotografar debaixo d'água datam logo após a invenção do daguerreótipo, em 1839, com os registros mais antigos aparecendo na década de 1850. Essas imagens iniciais tinham como objetivo apoiar estudos científicos, embora a fotografia subaquática enfrentasse desafios significativos em termos de visibilidade e limites técnicos.

Mesmo em seu início, a fotografia subaquática era reconhecida pela sua capacidade de produzir evidências visuais, mas também se confrontava com as dificuldades de capturar a essência do ambiente submerso. Como Rui Guerra observa em seu livro, a interação entre a luz e a água impõe desafios que vão além das capacidades técnicas da época. O resultado era uma arte que, embora rica em potencial, estava restrita por limitações tanto tecnológicas quanto criativas.

Com o avanço da tecnologia e a crescente popularização da fotografia subaquática, surgiram novas possibilidades de exploração e descoberta. Câmaras mais sofisticadas e técnicas de iluminação inovadoras permitiram que fotógrafos mergulhassem mais profundamente na compreensão do mundo marinho. Essa evolução transformou a fotografia subaquática em uma forma de arte mais acessível, possibilitando também a realização de documentários que destacam a importância da conservação marinha e da biodiversidade.

Além disso, a fotografia subaquática se tornou uma ferramenta poderosa na educação e na conscientização ambiental. Com imagens impressionantes e impactantes, ela tem o potencial de inspirar uma nova geração a se conectar com o mundo marinho e a reconhecer a importância de sua preservação. Assim, a fotografia continua a desempenhar um papel vital na maneira como percebemos e interagimos com nosso ambiente, seja acima ou abaixo da superfície. Através dela, somos convidados a refletir sobre as complexidades da vida e a beleza que reside em cada uma de nossas experiências visuais.

Em resumo, a fotografia, em suas diversas formas, se estabeleceu como um diferencial na narrativa audiovisual, oferecendo experiências visuais. Desde as inovações do século XIX até as revoluções tecnológicas contemporâneas, a fotografia se transformou em uma linguagem universal. Cada imagem conta uma história, e cada fotógrafo tem o poder de moldar a percepção do espectador sobre o mundo. A fotografia subaquática, em particular, ilustra como essa forma de arte pode ampliar nossa compreensão da vida marinha e inspirar ações em prol da conservação, provando que, mesmo nas profundezas, a beleza e a narrativa continuam a florescer.

O desenvolvimento dos equipamentos para fotografia subaquática acompanhou a evolução tecnológica, permitindo que fotógrafos de diversos níveis de experiência explorassem o mundo submerso. Os avanços em tecnologias de câmeras compactas e à prova d'água têm

democratizado ainda mais a prática da fotografia subaquática, tornando-a acessível a um público mais amplo.

A pesquisa acadêmica sobre a fotografia subaquática também tem se expandido, discutindo suas aplicações científicas e artísticas. Por exemplo, no artigo “Underwater Photography: The Art and Science” (2017), Dorr et al. exploram as técnicas e os desafios enfrentados na captura de imagens subaquáticas, destacando a importância do equipamento adequado e do conhecimento das condições ambientais. Eles observam que "a qualidade da imagem subaquática depende não só do equipamento utilizado, mas também da compreensão da luz e da cor na água" (DORR et al., 2017, p. 123). Outro estudo relevante é o de Niskanen et al., “Advances in Underwater Photography and Its Applications” (2019), que discute os avanços recentes em tecnologia de câmeras subaquáticas e seu impacto na pesquisa marinha. Os autores enfatizam que "o uso de tecnologia avançada permitiu uma documentação mais precisa e rica da biodiversidade marinha" (NISKANEN et al., 2019, p. 98). Além disso, o artigo “Submarine Landscapes: Capturing the Underwater World” de Thompson (2020) também é fundamental, pois analisa como a fotografia subaquática pode ser utilizada para fins de conservação ambiental. Thompson argumenta que "as imagens subaquáticas desempenham um papel vital na sensibilização e na educação sobre a preservação dos ecossistemas marinhos" (THOMPSON, 2020, p. 45).

5. Direção de Fotografia e a Fotografia Subaquática em *NYAD*

A direção de fotografia³ é uma das principais responsáveis por moldar a identidade visual de um filme, especialmente em uma obra como *Nyad*, onde a fotografia subaquática intensifica a narrativa e a experiência emocional. Também conhecida como cinematografia, é a arte e a técnica de capturar imagens em movimento, combinando aspectos técnicos e criativos para traduzir visualmente a narrativa de um filme. Sob a responsabilidade do diretor de fotografia, essa função abrange decisões sobre enquadramento, iluminação, cor, textura,

³Em *Theory and Practice*, Blain Brown define a direção de fotografia como a arte e a técnica de criar imagens para o cinema, envolvendo não apenas o controle técnico da câmera e da luz, mas também as escolhas estéticas que contribuem para a narrativa. Ele descreve o diretor de fotografia como responsável por traduzir a visão do diretor em imagens visuais, articulando elementos como iluminação, composição, cores, movimento de câmera e textura para comunicar emoções, atmosferas e significados.

profundidade de campo, movimento de câmera e outros elementos que moldam a estética visual da obra. Mais do que registrar cenas, a direção de fotografia busca construir atmosferas, destacar emoções e enfatizar simbolismos, funcionando como um meio de expressão que conecta o público à narrativa. Esse trabalho, realizado em estreita colaboração com o diretor e outros membros da equipe criativa, é essencial para transformar a visão artística do filme em uma experiência impactante.

No contexto de *Nyad*, cada cena subaquática se torna uma extensão da psique da protagonista, Diana Nyad. A água, com suas propriedades únicas de reflexão e refração, transforma a realidade em um ambiente onírico, que serve como um espelho das memórias e traumas que ela enfrenta. Essa ideia é ecoada nas palavras de Jacques Aumont, que discute como a imagem cinematográfica possui uma dimensão estética que pode provocar reflexões profundas no espectador, muito além do que a simples narrativa pode oferecer (AUMONT, 2005, p. 37-38).

A interação entre luz e água em *Nyad* é fundamental para criar atmosferas que transcendem o espaço físico. Essas escolhas de iluminação destacam tanto a vulnerabilidade quanto a força de Diana. Luzes subaquáticas e filtros são usados com cuidado, permitindo que a suavidade da luz evoca sentimentos de paz, enquanto sombras mais profundas podem sugerir a presença de medos e desespero. Assim, a interação entre luz e água cria uma paleta de cores rica e se torna um elemento narrativo significativo.

O planejamento meticuloso da composição das cenas subaquáticas é outro aspecto que amplifica a narrativa. Desde 1994, o respeitado e renomado crítico de cinema americano Roger Ebert escreveu uma série de ensaios quinzenais intitulada *The Great Movies*, onde analisou os filmes que considera os mais importantes de todos os tempos. Em sua obra, *The Great Movies III*, Ebert descreve a composição como “a maneira pela qual os elementos visuais se juntam para contar uma história” (EBERT, 2011, p. 45), destacando a importância da estética visual na narrativa cinematográfica. Em *Nyad*, a forma como a protagonista é posicionada em relação ao vasto oceano reflete sua luta interna e a resiliência diante das adversidades. As composições frequentemente centralizam Diana em um ambiente amplo, simbolizando sua força e sua vulnerabilidade.

Além disso, os ângulos de câmera⁴ adotados nas cenas subaquáticas oferecem uma gama de perspectivas que enriquecem a narrativa. Por exemplo, ângulos baixos podem transmitir uma sensação de grandeza, enquanto ângulos mais elevados podem sugerir fragilidade. Essa diversidade de perspectivas permite ao espectador observar, vivenciando a jornada emocional de Diana de maneiras distintas, tornando a experiência cinematográfica mais rica e envolvente.

O movimento de câmera também desempenha um papel crucial em *Nyad*, cuidadosamente coreografado para refletir o estado emocional da protagonista. Como ressalta John Alton, “o movimento da câmera deve sempre servir à história, guiando o espectador através das emoções do personagem” (ALTON, 2018, p. 112). Os movimentos suaves e fluidos durante as sequências de natação evocam uma sensação de liberdade, enquanto mudanças abruptas no movimento sinalizam momentos de conflito interno e tensão. Isso cria uma conexão íntima entre a câmera e Diana, fazendo com que o espectador observe sua luta, sentindo de maneira visceral. Movimentos esses que são essenciais para entender a dinâmica da natação já que cerca de 40 por cento do filme se passa com a protagonista nadando dessa porcentagem seria equivalente 1h e 10min da protagonista exercendo o ato de se movimentar, então boa parte da obra tem esses movimentos presentes. Sendo assim, a direção de fotografia está presente tanto em um fator técnico em que luz, contraste e nitidez são postos à prova, quanto em um valor sentimental para demonstrar tensão e nostalgia.

175

6. Análise Fílmica das Imagens de Delírios e Memórias de Infância

A análise fílmica é um campo crítico e interdisciplinar que se dedica à investigação das diversas camadas de significado presentes nas obras cinematográficas. Como discute Jacques Aumont, a imagem no cinema não é apenas um reflexo da realidade, mas um meio complexo de sugestão e representação que influencia diretamente a percepção do espectador. Aumont ressalta que a imagem, composta por elementos como luz, cor e movimento, é fundamental

⁴ Estudos sugerem que o ângulo de câmera delimita o campo visível, conectando o que está além do quadro, influenciando a percepção do espectador. Essa abordagem ajuda a explorar a interação entre a presença visível e o invisível na narrativa fílmica, algo que pode ser interessante ao analisar cenas subaquáticas com memórias em *NYAD*, de acordo com “Henri Bergson e a dialética visual”

para a construção de atmosferas e a transmissão de emoções, permitindo que o filme se comunique de maneira mais profunda e significativa com seu público (AUMONT, 1995).

A cena subaquática em *Nyad* em que Diana Nyad mergulha em um estado de delírio e suas memórias de infância emergem da água exemplifica o uso da fotografia subaquática como ferramenta para explorar a complexidade emocional da personagem. Essa sequência se insere em um contexto de estética onírica, onde a fluidez e a distorção da imagem se tornam um reflexo do estado mental alterado de Nyad, reforçando seu estado de exaustão física e emocional. A água, frequentemente associada ao inconsciente, aqui serve como um meio para externalizar suas memórias, criando uma atmosfera surreal e etérea.

Neste contexto, a fotografia subaquática atua como uma lente que revela essas dualidades, tanto mostrando as perspectivas das alucinações do personagem quanto das memórias de sua infância. Por meio de composições cuidadosamente elaboradas, a direção de fotografia transforma a água em um espaço onde as memórias e alucinações se entrelaçam, criando uma paisagem visual que reflete a fragilidade da mente de Nyad.

A estética onírica, especialmente nas cenas subaquáticas que retratam as alucinações de Diana Nyad, ressoa com as discussões de Gilles Deleuze sobre a "imagem-tempo" (1985), onde o cinema é capaz de manipular a percepção do tempo e espaço, criando uma realidade fluida e subjetiva. A água, aqui, não é apenas um elemento físico, mas simboliza o inconsciente, em uma tradição que remonta ao surrealismo cinematográfico, como observado por Christopher Fraser (2011), que analisa a maneira como o surrealismo no cinema utiliza distorções visuais para evocar estados emocionais profundos e alucinatórios.

A estética visual desta cena é cuidadosamente construída com uma combinação de iluminação suave, movimento de câmera e composição de planos. A iluminação, em tons neon de rosa, azul e verde, subverte a percepção da realidade, criando um ambiente de alucinação. Essa paleta de cores vibrantes e saturadas se destoa das cores mais suaves e naturais observadas nas cenas anteriores, onde a água é representada de forma mais realista. Como Deleuze (1985) discute em sua teoria sobre a "imagem-tempo", a capacidade do cinema de manipular o tempo e o espaço permite que o espectador vivencie uma dimensão em que as memórias e os sonhos se entrelaçam com o real, criando uma experiência subjetiva. O contraste entre o caos da memória e a quietude do mar reflete a luta interna da personagem,

similar a filmes surrealistas como *Um Cão Andaluz* (1929) de Buñuel, onde a distorção da realidade evoca um estado de sonho e desconstrução da lógica.



Figura 1: Nyad nadando em um delírio
Fonte: Netflix

Na figura 1, a câmera, ao seguir Nyad enquanto ela se move pela água, captura seu corpo, a transitoriedade de suas memórias, alternando entre planos fechados que destacam detalhes simbólicos, como seu rosto ou objetos de seu passado, e planos mais amplos que sugerem a vastidão do mar, representando a distância entre sua realidade e suas lembranças. Esse movimento de câmera amplifica a fluidez da experiência emocional da personagem e sua luta pela sobrevivência.

177



Figura 2: Nyad lembrando de memórias de sua infância
Fonte: Netflix

Neste fotograma (figura 2), a estética visual ilustra claramente os conceitos discutidos por Jacques Aumont em *A Estética do Filme*, particularmente sobre o papel da luz e do contraste na construção da narrativa visual. A iluminação subaquática cria um efeito de contraluz que delinea a silhueta da personagem, isolando-a em meio à vastidão azul do ambiente aquático. Esse uso da luz enfatiza a figura central e a atmosfera onírica. O contraste entre as áreas iluminadas e as sombras profundas sugere um jogo de dualidades – clareza e mistério, superfície e profundidade –, reforçando o aspecto simbólico da imagem. Aumont argumenta que a luz, nesse contexto, ilumina criando significados ao guiar o olhar do espectador e evocar emoções específicas, como a sensação de imersão e transcendência visível nesta composição.

Os planos fechados, como os primeiros planos de Diana Nyad submersa, aproximam o espectador da subjetividade da personagem, destacando sua expressão facial e o impacto emocional de suas memórias distorcidas (Aumont, 2004). Esse tipo de plano permite uma identificação direta com o estado psicológico de Nyad, uma técnica frequentemente associada à intensificação de experiências emocionais intensas, como discutido por Jacques Aumont. Por outro lado, o uso de planos gerais e planos largos subaquáticos amplia a sensação de isolamento da personagem, ao mesmo tempo em que insere a figura humana no vasto ambiente aquático, sugerindo a imensidão do oceano e a fragilidade do corpo humano em confronto com as dimensões infinitas da memória e do delírio (REVAULT D'ALLONNES, 2009). Tais escolhas de composição visual, além de reforçarem o caráter distorcido e etéreo das alucinações, estão alinhadas com o conceito de "estética do sublime", onde a vastidão e o desconforto do ambiente aquático se tornam metáforas visuais para os estados alterados da mente.



Figura 3: Nyad em seus delírios.

Fonte: Netflix

Na figura 3, as cores violeta, magenta, ciano, verde, laranja, amarelo e azul estruturam a composição visual, criando uma sensação de profundidade e movimento que posiciona Nyad como elemento central no espaço representado. A paleta de cores utilizada sugere a inserção da personagem em um ambiente que altera as noções convencionais de tempo e distância, remetendo a uma realidade distinta. A aplicação das cores realça a presença de Nyad e, ao mesmo tempo, a separa do espaço ao redor, estabelecendo uma relação visual que destaca a interação entre o indivíduo e o ambiente representado.

As características específicas de Diana Nyad são reforçadas pela representação subaquática de várias maneiras. A fragilidade e vulnerabilidade da protagonista são acentuadas em momentos em que ela é filmada em planos amplos, onde seu corpo é pequeno em relação à vastidão do oceano. Essa escolha visual enfatiza a solidão da nadadora e o desafio monumental que enfrenta. Por outro lado, em momentos de superação e força, a câmera se aproxima, destacando a determinação de Nyad. O uso de close-ups em cenas subaquáticas permite ao espectador capturar a intensidade emocional em seu rosto, revelando a complexidade de sua jornada interna.

Além disso, o reflexo distorcido da superfície da água, com cores e formas fragmentadas, intensifica o efeito alucinatório, criando uma sensação de desconexão com a realidade. A forma como a água se distorce e a luz artificial penetra nesse espaço subaquático parece anular as leis da física, criando uma sensação de que Nyad está imersa em um estado liminar, entre o real e o irreal.

O simbolismo da água é fundamental para entender como o filme *Nyad* explora o estado psicológico da protagonista. Em suas memórias e alucinações, o mar, que inicialmente parecia um lugar de força e desafio, torna-se uma metáfora da fragilidade mental e emocional de Nyad, uma representação visual que ressoa com as teorias de Deleuze e também com a tradição do surrealismo no cinema. Assim, a fotografia subaquática no filme serve para ilustrar as dificuldades físicas de Nyad, mergulhando o espectador na experiência sensorial e emocional da protagonista, permitindo que a linha entre o real e o imaginário se torne porosa e fluida.

7. Considerações finais

A fotografia subaquática em *Nyad* vai além de ser um recurso técnico ou estético; ela se torna um elemento narrativo essencial para transmitir as complexas emoções da protagonista. O filme, baseado na história real de Diana Nyad, usa as imagens subaquáticas para explorar os desafios psicológicos, emocionais e físicos enfrentados pela personagem principal durante sua jornada. Este uso específico da fotografia contribui para criar uma estética onírica, evocando sentimentos de frustração, ansiedade e trauma, mas também de resiliência e superação.

Segundo Jacques Aumont, a imagem no cinema não é apenas um registro do real, mas uma construção que carrega significados emocionais e simbólicos. Ele afirma que a composição da imagem pode sugerir sentimentos que vão além do que é mostrado em cena, criando um campo sensorial que dialoga diretamente com o espectador. Em *Nyad*, o uso de planos submersos, em que a água distorce a luz e os movimentos se tornam mais lentos e fluidos, reforça essa construção sensorial. A água, ao mesmo tempo em que representa um ambiente de conquista e liberdade, é também um símbolo de barreiras e desafios, refletindo a dualidade da jornada da protagonista.

O filme utiliza o fora de campo, uma técnica descrita por Aumont como "a extensão imaginária do visível", para instigar a imaginação do espectador. Muitas vezes, a ameaça, o perigo ou a superação não são explicitamente mostrados, mas sugeridos por meio de som, luz e movimento. Esse caráter ilusório da imagem subaquática em *Nyad* contribui para uma experiência imersiva, onde o espectador é levado a sentir a opressão das águas profundas, a exaustão da nadadora e até mesmo a libertação que vem com cada novo avanço.

Além disso, a escolha das cores e da iluminação na fotografia subaquática é crucial para criar diferentes atmosferas ao longo do filme. Tons frios e sombrios são usados para enfatizar momentos de angústia e incerteza, enquanto tons mais claros e luminosos refletem momentos de epifania e esperança. Esse contraste entre escuridão e luz guia o espectador emocionalmente, simbolizando a luta interna da protagonista contra seus próprios limites físicos e psicológicos.

A conclusão de *Nyad* sobre a realização de um feito atlético, mas sobre a superação de traumas passados e a conquista de uma paz interior. A fotografia subaquática é fundamental para expressar esse arco narrativo, traduzindo visualmente os estados emocionais da personagem. Como Jacques Aumont argumenta, o cinema é uma forma de arte que transcende a simples narrativa para criar uma experiência emocional e sensorial completa. Em *Nyad*, as imagens subaquáticas conectam o espectador à jornada da protagonista de uma forma visceral, ao mesmo tempo em que simbolizam a profundidade de sua transformação pessoal.

Dessa forma, *Nyad* demonstra como a fotografia subaquática pode ser utilizada como uma poderosa ferramenta para transmitir emoções e narrar histórias de maneira única. Ao explorar o fora de campo e os elementos ilusórios, o filme nos lembra que o verdadeiro impacto do cinema está na capacidade de transportar o espectador para um mundo de experiências sensoriais e emocionais, indo além do que é visível na tela.

Além disso, a fotografia subaquática em *Nyad* auxilia na construção estética, servindo como uma metáfora poderosa para o mergulho interno da protagonista em seus próprios medos e memórias. A imersão nas águas turvas, muitas vezes desfocadas e dominadas por tons de azul, cria um ambiente visual que transita entre o real e o imaginário, refletindo a fragilidade e a intensidade da experiência humana. As alucinações e os traumas emergem nesse cenário como peças narrativas indispensáveis, mesclando-se à simbologia das profundezas oceânicas e reforçando o caráter onírico do filme. Nesse sentido, *Nyad* utiliza sua linguagem visual para dialogar diretamente com obras contemporâneas que exploram o subjetivo, transformando o ambiente aquático em um espaço de introspecção e ressignificação emocional.

Referências

AUMONT, Jacques. **Estética do filme**. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

- BOUZEREAU, Laurent (Direção). **Five Came Back**. Produção executiva de Steven Spielberg e Scott Rudin. Apresentação de Meryl Streep. Estados Unidos: Netflix, 2017. Série documental.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film Art: An Introduction**. 11. ed. New York: McGraw-Hill, 2013.
- BROWN, Blain. **Cinematography: Theory and Practice**. 3. ed. New York: Routledge, 2016.
- CASA GRANDE, Júlia; LUCHIARI, Poliana Feltrin. **Surrealismo e o conceitual: o retorno**. 2023.
- DOUBILET, David. **Water Light Time**. New York: Phaidon Press, 1999.
- DOUBILET, David; HAYES, Jennifer. **Two Worlds: Above and Below the Sea**. New York: National Geographic Society, 2010.
- EDGE, M. **The Underwater Photographer**. [s.l.]: Informa, 2013.
- GUERRA, Rui. **Manual prático da fotografia subaquática**. 1. ed. São Paulo: Editora Oceano, 2020.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- MACHADO, A. **Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência**. *Psicologia USP*, v. 25, n. 1, p. 96-105, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/mLZ7rRvFLX7MVQ4DHHrtPfP/>. Acesso em: 03 dez. 2024.
- MARTÍNEZ, Alejandro. **Un souvenir de los paisajes submarinos: la fotografía subacuática y los límites de la visibilidad fotográfica, 1890-1910**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xqvJKyrFGryNTwcvCZzbfQf/?lang=es>. Acesso em: 03 dez. 2024.
- MUSTARD, Alex. **Underwater Photography Masterclass**. 1. ed. Ramsbury: Crowood Press, 2016.
- SOUZA, Fábio. **A paisagem visual no cinema: um estudo da linguagem na mise-en-scène**. *Policromias: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 5, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/56676>. Acesso em: 03 dez. 2024.
- TOPIC, et al. **Underwater Photography: Techno-Science**. ResearchGate, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337212037_Topic_et_al_Underwater_Photography_Techno_Science_1_2016_1. Acesso em: 03 dez. 2024.